

Busca

Busca avançada



COGEAD

COGEPLAN

COGIC

PESQUISA CLÍNICA



Meu perfil

Alterar senha

Sair

A Cogepe

Página Inicial > Cogepe > Cogepe Comunica > **Notícias**

Cogepe Comunica

Notícias

Informes SGPs

Newsletter

Entrevistas

Galeria de Fotos

Política de Comunicação da Cogepe

Identidade Visual da Cogepe

Plantão CST

Informativo Conexão

Documentos

Serviços

Qualidade

Contatos

Covid-19



Mais

Notícias

Evento aborda estrutura e desafios das CISTTs

“Não dá para trabalhar na Saúde do Trabalhador se não for muito louco”. A provocação foi feita pelo médico sanitarista Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos durante sua apresentação em mais uma atividade do Ciclo de Oficinas de Formação Continuada das Comissões Internas de Saúde das Trabalhadoras e Trabalhadores da Fiocruz (CISTTs). Fadel foi convidado para palestrar sobre Vigilância em Saúde do Trabalhador, mas entregou ao público uma aula que perpassou momentos históricos da Saúde do Trabalhador no Brasil.



“A política de Saúde do Trabalhador está malparada. As redes não levam a culpa sozinhas. O governo faz má gestão. O que se faz não está perto do que se precisa”, diagnosticou Fadel, indicando que a cada três horas ocorre uma morte devido a questões ligadas ao trabalho. “Se alguém morre no parto, há uma estrutura para pesquisar o que houve. Se um trabalhador morre é invisível. Adoecimento e morte no trabalho são incômodos”, disse. Para Fadel somente setores regulados, como bares e restaurantes, são de interesse da saúde pública. “A vigilância é uma questão epidemiológica fundamental que honra a Saúde do Trabalhador. É uma área estratégica”, afirmou Fadel, destacando que hoje, no Brasil, existe uma catástrofe epidemiológica que tem como resultado um exército de trabalhadores mutilados.

Para Fadel, as CISTTs não dão conta da representatividade e institucionalidade da classe trabalhadora, o que ele definiu como sendo o “fantasma da classe ausente”. Fadel lembrou de Sergio Arouca, que dizia que até a 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) o movimento popular não tinha agarrado com força o movimento sanitário, do qual ele [Arouca] foi a liderança mais proeminente. “Quando o movimento sanitário se encorpa, na 8ª CNS, que foi um evento paradigmático de ruptura com as edições anteriores, o povo brasileiro foi ouvido e os empresários estavam ausentes”, lembrou Fadel, destacando que naquele momento a saúde foi pensada na sua ideologia com base na participação popular. “Isso foi nutriente para a Constituição Federal de 1988”, falou.



Fadel também lembrou do Modelo Operário Italiano (MOI), que ganhou força nos anos 1970. Ele explicou que havia um princípio de não delegação aos técnicos das decisões relativas à saúde dos trabalhadores. "Havia uma validação consensual. Ouvia-se a todos", disse Fadel. Ele enfatizou que há riscos distintos em cada grupo de trabalhadores. "As CISTTs precisam ouvir os trabalhadores. O Estado se omite em fazer a vigilância em Saúde do Trabalhador por desinteresse do poder econômico".

O próximo evento do Ciclo de Oficinas de Formação Continuada das Comissões Internas de Saúde das Trabalhadoras e Trabalhadores da Fiocruz acontecerá em 25 de novembro e terá como tema a enquete operária.

[Voltar](#) [Enviar por e-mail](#) [Imprimir](#) [Comentários](#)

[Cogead](#) [Cogeplan](#) [Cogic](#) [Pesquisa Clínica](#) [Qualidade](#)

[A Cogepe](#) | [Cogepe Comunica](#) | [Documentos](#) | [Serviços](#) | [Qualidade](#) | [Contatos](#) | [Covid-19](#)



Av. Brasil , 4365 - Pavilhão Figueiredo de Vasconcelos - Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ
CEP 21040-360 - Tel.: (21) 3836-2033 Fax.: (21) 3836-2180 E-mail: direh@fiocruz.br